

Desenterrando significados na obra contística de Lima Barreto: o conto *O Cemitério* à luz da Análise de Discurso Crítica

*Unearthing meanings in Lima Barreto's story work: the tale
The Cemetery in the light of Critical Discourse Analysis*

Cristiano Mello de Oliveira

Centro Universitário Unifael

crisliteratura@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0002-7324-7798>

Rair Rosa de Oliveira

rairoliveira9@gmail.com

RESUMO

O presente artigo analisa o conto *O Cemitério*, do escritor brasileiro Lima Barreto, de fortuna crítica escassa, à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC). Como lastro teórico comparativo, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa amparada em procedimentos bibliográficos e no modelo tridimensional de análise, criado pelo linguista britânico Norman Fairclough. Na fundamentação do trabalho, tem-se autores como: Lilia Moritz Schwarcz (2010), Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2020), Viviane de Melo Resende e Viviane Ramalho (2019) e, evidentemente, Norman Fairclough (2001). O resultado desse percurso analítico revela que o conto barretiano apresenta numerosas críticas e denúncias sociais voltadas à época em que foi escrito: o começo da Primeira República no Brasil.

Palavras-chave: *O Cemitério*; Lima Barreto; Análise de Discurso Crítica; Fairclough.

ABSTRACT

This paper analyzes the tale *The Cemetery* by Brazilian writer Lima Barreto, which has had scarce critical fortune, in light of Critical Discourse Analysis (CDA). As comparative theoretical ballast, qualitative research was developed based on bibliographic procedures and the three-dimensional model of analysis created by British linguist Norman Fairclough. In the theoretical foundation of the work, authors such as Lilia Moritz Schwarcz (2010), Patrick Charaudeau and Dominique Maingueneau (2020), Viviane de Melo Resende and Viviane Ramalho (2019), and, of course, Norman Fairclough (2001) are included. The result of this analytical journey reveals that Barreto's short story presents numerous criticisms and social denunciations aimed at the time in which it was written: the beginning of the First Republic in Brazil.

Keywords: *The Cemetery*; Lima Barreto; Critical Discourse Analysis; Fairclough.

ABRINDO O CORTEJO FÚNEBRE: BREVE INTRODUÇÃO

Rio de Janeiro, começo do século XX. Pelas ruas, tudo é novidade. A escravidão já não existe. Cidadãos passeiam pela antiga capital federal aproveitando para observar a moda, os cafés e as livrarias. A monarquia, outrora dominante, não mais vigora. Vestidas com modelos inspirados nas revistas de moda vindas da Europa, mulheres caminham pelo centro da cidade e pelas avenidas recém-projetadas. Elas sorriem e se cumprimentam com um “Vive la France!”.

O barulho de máquinas de escrever e de telégrafos ecoa através das janelas iluminadas pela diáfana luz de lampiões a gás. Ali trabalham entusiasmados jornalistas — homens detentores de grande prestígio. Transitando em meio a todos esses cenários e indivíduos está uma figura ambígua, perspicaz, multifacetada e dona de um olhar bastante crítico: Afonso Henriques de Lima Barreto.

Carioca e morador do Rio de Janeiro — capital política e administrativa diante de algumas incongruências nas primeiras décadas do século XX —, Lima Barreto presenciou o nascimento do Brasil republicano e, por meio de seus textos jornalísticos e literários, apresentou uma versão bastante diferente daquela propagada pelos maiores periódicos da época. Com argúcia, ironia e senso crítico, ele pintou um início de República cheio de problemas, como a marginalização dos negros, antes escravizados; a criação de subúrbios, para exilar os pobres do centro urbano; o surgimento dos primeiros postes de eletricidade, criando uma atmosfera evoluída de grande metrópole; e a utilização da imprensa com fins de manipular a opinião pública e perpetuar as relações de poder.

Em seus escritos ficcionais, cartas, diários e reportagens, Lima Barreto perscruta todos os recantos do Rio de Janeiro e oferece ao leitor uma realidade crua, triste e contraditória — resultado do projeto utópico de transformar a capital em uma metrópole europeia. Do centro aos subúrbios, dos jornais aos bordéis, das instituições aos locais de lazer e ócio, dos hotéis aos hospícios, nada escapou da pena prolífica desse autor. Nem mesmo os cemitérios. Numa época em que se evitava falar de ambientes mórbidos e pouco nobres, Lima se utilizou exatamente de um lugar tétrico para representar por meio dos seus textos, mais uma vez, as mazelas da sociedade.

O conto *O Cemitério*, embora curto, configura-se como uma fonte pertinente de reflexão sobre a realidade do país nos primeiros anos da República. Há, todavia, uma enorme lacuna científica sobre essa sombria história de Lima Barreto. Buscas realizadas no Google Acadêmico, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e na Plataforma Sucupira mostram que é inexistente qualquer produção acadêmica — artigo, tese, dissertação ou monografia — voltada especificamente a esse texto do escritor carioca. A única obra dele intitulada por meio do substantivo “cemitério” que aparece como mote de várias pesquisas é o *Cemitério dos Vivos*. Diante dessa escassez de fontes e referências, o presente trabalho pretende ser uma contribuição para ampliar os estudos acerca da sempre atual produção literária barretiana.

Para conduzir a leitura e a apreciação do conto de Lima Barreto ao longo deste artigo científico, utiliza-se como caminho metodológico a Análise de Discurso Crítica, modelo de pesquisa qualitativa formulado pelo linguista britânico Norman Fairclough. Por meio de procedimentos bibliográficos, da articulação de autores diferentes e do exame do texto sob a perspectiva do modelo tridimensional¹, pretende-se alcançar o objetivo do presente trabalho: analisar o conto *O Cemitério* à luz da ADC.

Além desta introdução e das considerações finais, este trabalho é composto por três seções principais. Na primeira delas, são apresentados um resumo do conto analisado e informações biográficas e estilísticas acerca de Lima Barreto. A segunda parte discute as funções, as origens e as características da Análise de Discurso, em especial, da Análise de Discurso Crítica. Por fim, na derradeira seção, analisa-se *O Cemitério* sob a ótica do modelo tridimensional de Fairclough, revelando, assim, os elementos usados pelo escritor carioca e seus respectivos significados.

O CORPO EM ANÁLISE:

CONSIDERAÇÕES SOBRE *O CEMITÉRIO*

Muitos contos de Lima Barreto jazem no esquecimento. De acordo com Lília Moritz Schwarcz (2010), historiadora, antropóloga e a mais recente biógrafa do escritor

¹ Conforme será discutido mais adiante, para Fairclough (2009), o discurso pode ser analisado de forma tridimensional. Nesse tripé são avaliados os seguintes pontos: texto, prática social e prática discursiva. Cada uma dessas dimensões apresenta várias categorias e subdivisões, que são utilizadas, de forma pulverizada, no momento da análise.

carioca, a produção contística do autor não recebe edições tão cuidadosas quanto os seus romances. Segundo a pesquisadora, essa falta de atenção tem levado alguns textos curtos ficcionais ao desaparecimento. Por isso, ela mesma, Schwarcz, encarregou-se de coletar, reunir e comentar 149 histórias barretianas para compor uma grande antologia: *Contos Completos de Lima Barreto*, publicada no Brasil pela Companhia das Letras.

Se a divulgação dos contos de Lima Barreto já é parca, estudos voltados à face contista do criador do protagonista Policarpo Quaresma são ainda mais escassos. Todavia, investigar as breves narrativas desse escritor é pertinente porque elas dialogam com a história do Brasil e com a vida pessoal do próprio autor (Schwarz, 2010; Botelho, 2013; Barbosa, 2001). Para Lilia Moritz Schwarcz (2010), a biografia de Lima Barreto e a realidade sociocultural onde ele viveu são sempre transpostas para as páginas de suas criações — mesmo aquelas mais curtas, como os contos. Em alguns trechos da escrita barretiana, a vida real se acopla de tal maneira à ficção que chega a sobrepujá-la.

As fronteiras entre os terrenos da ficção e da realidade são tão tênues na obra de Lima Barreto que é difícil até classificar o gênero textual de suas produções mais curtas. Lilia Moritz Schwarcz (2010) afirma que Lima Barreto chamava de conto aquilo que hoje é mais conhecido como crônica. O conto, como defendem pesquisadores como Nadia Gotlib (2004), em *A Teoria do Conto*, é uma história breve, com poucos personagens, um único drama, espaço-tempo restrito e livre de compromisso com a realidade. Por sua vez, a crônica geralmente dispensa tais características para se amparar predominantemente no factual e na recriação de episódios do cotidiano, conforme explica Massaud Moisés (2013) no seu *Dicionário de Termos Literários*. Em Lima Barreto, porém, encontra-se frequentemente um misto de ingredientes curiosos do conto e da crônica. *O Cemitério* é um texto que exemplifica bem esse fenômeno.

Escrito entre 1911 e 1922, *O Cemitério*, segundo Lilia Moritz Schwarcz (2010), foi publicado pela primeira vez, em 1951, na segunda edição de uma obra póstuma intitulada *Histórias e Sonhos*. Entretanto, de acordo com Lainister de Oliveira Esteves (2010), doutor em História Social e organizador da antologia *Contos Macabros – 13 histórias sinistras da literatura brasileira*, *O Cemitério* aparece em livro pela primeira vez numa edição da obra *Marginálias*, publicada em 1956 pela Editora Brasiliense.

De todo modo, *O Cemitério* apresenta a história de um homem sem nome que acompanha o enterro de um contínuo da Secretaria dos Cultos² pela necrópole e observa atentamente os jazigos. O misterioso e enigmático narrador do pequeno texto também é, simultaneamente, seu personagem principal. No itinerário fúnebre, ele se entrega à reflexão e conclui que aqueles túmulos e mausoléus representam a sociedade.

Em primeira pessoa, o protagonista relata como, mesmo na última morada, alguns indivíduos insistem em se sobrepor aos outros. À certa altura do caminho, em meio a cruzes, estátuas e sepulcros, ele se depara com a tumba de uma moça e começa a imaginar o corpo dela quando vê a foto da lápide. Os pensamentos do rapaz vão, então, do sensual ao mórbido e desembocam num desejo incomum — ele confessa que se sente estranhamente atraído pela defunta.

Embora Lima Barreto seja considerado “o romancista mais importante do período conhecido como Pré-Modernismo” (Achcar, 2004, p. 7), a temática presente em *O Cemitério* lembra bastante aquelas exploradas pelos escritores da segunda geração romântica. No conto *Solfieri* (2011), do expoente ultrarromântico Álvares de Azevedo, há uma trama parecida: em devaneios, um homem entra num cemitério, vê uma mulher aparentemente morta e se sente loucamente fascinado por ela. A paixão é tamanha que ele chega a consumir a necrofilia.

Parte integrante do livro *Noite na Taverna*, escrito no século XIX, *Solfieri* é uma legítima amostra da literatura gótica brasileira. Na volumosa pesquisa intitulada *O Livro dos Vampiros — a Enciclopédia dos Mortos-Vivos*, J. Gordon Melton (2003, p. 355) afirma que “as obras góticas forçam o leitor a considerar tudo o que a sociedade chama de maldade na vida humana”.

Essa vertente artístico-literária surgiu na Europa por volta do século XVIII e ficou marcada por apresentar ambientes mórbidos, figuras espectrais e acontecimentos macabros. Digressão à parte, o termo “gothic”, de origem inglesa, era usado inicialmente para se referir aos godos, povo germânico, e à arquitetura medieval caracterizada por arcos e ogivas. Entretanto, Horace Walpole (1763), ao publicar a soturna obra *O Castelo*

² Esta referência sarcástica aparece preliminarmente no romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Machado, o narrador da história, conheceu o protagonista Gonzaga, que era funcionário disciplinado na imaginária Secretaria dos Cultos.

de Otranto, dá novo significado ao vocábulo, que, desde então, passou a se referir às manifestações culturais de caráter sombrio, sobrenatural e melancólico (Melton, 2003).

No Brasil, tal estética fez discípulos entre os adeptos da segunda fase do Romantismo. Ao contrário dos autores da primeira geração romântica, donos de forte espírito nacionalista, os escritores ultrarromânticos foram marcados pela depressão e pela melancolia, comumente chamadas de “o mal do século”. Influenciado por Lord Byron, poeta gótico inglês, por exemplo, Álvares de Azevedo concebeu histórias transpassadas por cenas de tristeza, orgias, embriaguez, assassinatos e insanidade. Lima Barreto, ao contrário dos ultrarromânticos, é mais sutil em sua escrita. Ele apenas explora uma situação corriqueira — o sepultamento de um homem — por um prisma sombrio e pouco convencional. Para Lainister de Oliveira Esteves (2010), em *O Cemitério*, “não há grandes desdobramentos fantásticos, somente o medo em relação aos próprios sentimentos” (Esteves, 2010, p. 15). O fim do conto soa abrupto, reticente e pouco sugestivo. Por isso, leva o leitor a imaginar o que o protagonista teria feito depois do enterro.

Diferentemente da abordagem macabra, que recebeu contornos suaves, a crítica social pulula com força em cada parágrafo da história. Como será detalhado mais adiante, verifica-se que Lima Barreto imprimiu no conto alguns anseios, desabafos, confissões e denúncias ligadas à cor da sua própria pele. É preciso, contudo, não enxergar o autor carioca como uma vítima frágil, passiva e indefesa (Schwarcz, 2010). Lima Barreto foi um sujeito essencialmente ambíguo. Nascido no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, em 1881, era filho de um tipógrafo e de uma professora — ambos afrodescendentes. Contudo, diferentemente de muitos negros do seu tempo, possuía o saber letrado (resultado das relações pessoais do pai) e tinha o privilégio de atuar na imprensa. Dessa forma, segundo a professora Suely Santana (2005), Lima Barreto ocupou o que Homi Bhabha chama de “entre-lugar”: um local dúbio, fronteiro e oscilante.

Para o pesquisador indiano, “espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas, de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (Bhabha, 1998, p. 19). Desdobrando as considerações de Bhabha de forma relativa e análoga, Lima Barreto assume plenamente esse sujeito gerado no entre-lugar. O escritor carioca acompanhou a virada do século e o momento de modernização (ou seja, experimentou passado e presente), lidou com situações de exclusão (por causa da questão racial), mas também foi incluído (por meio do prestígio nos jornais).

Em muitos momentos, as atitudes de Lima Barreto chegam a ser paradoxais, como explica Lilia Moritz Schwarcz (2017a) na biografia *Lima Barreto: Triste Visionário*. De acordo com a pesquisadora, Lima chegou a criticar funcionários públicos, mas trabalhou como escrevente na Secretaria da Guerra; dizia rejeitar os literatos e as instituições intelectuais, mas se candidatou à Academia Brasileira de Letras por três vezes; defendia costumes do povo, mas odiava samba, carnaval e futebol. É sem perder de vista esse olhar crítico, irônico, profundamente humano e comprometido com seu tempo — mas também contraditório —, que se deve analisar a produção literária barretiana.

UM NOVO CAMINHO PARA O CEMITÉRIO: A ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA COMO PERCURSO ANALÍTICO E METODOLÓGICO

Definir a Análise do Discurso e demarcar o seu ponto de origem é uma tarefa bastante difícil. Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2020), no *Dicionário de Análise do Discurso*, afirmam que, embora Zellig Harris (1952) tenha sido o primeiro a usar a expressão em um artigo, é impróprio dizer que esse campo de estudos tenha nascido com o trabalho dele. A ausência de um marco fundador ocorre porque essa disciplina, atualmente, conjuga muitas áreas de investigação anteriores e posteriores à formulação do termo. Entre elas estão: as teorias da enunciação, a linguística textual³, a pragmática, a hermenêutica, a etnografia da comunicação, a análise conversacional e até mesmo a retórica da Antiguidade Clássica (Charaudeau; Maingueneau, 2020).

De acordo com Jovânia Santos (2020), no livro *Análise de Discurso*, diversos também são os autores que contribuíram para a formação da disciplina. Nesse sentido, vale citar, por exemplo, Michel Foucault (1989) e seus estudos sobre poder e dispositivos enunciativos; o filósofo Mikhail Bakhtin (1997) com reflexões acerca dos gêneros discursivos e da dimensão dialógica da prática discursiva; Antônio Gramsci (2023) e suas considerações a respeito da influência dos líderes políticos sobre as massas; Pierre Bourdieu (1997) e Habermas (1987), que investigaram, respectivamente, a violência simbólica e a colonização na sociedade contemporânea; Halliday (1973) e suas pesquisas

³ De acordo com Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2020), há pesquisadores que defendem que Análise de Discurso e linguística textual são a mesma coisa.

voltadas à linguística crítica; Michel Pêcheux (1997) e suas articulações entre marxismo e ideologia, que foram de grande valia para a formação da Escola Francesa de Análise do Discurso.

Esse vasto mosaico de autores e teorias que ajudaram a formar a Análise de Discurso se consolidou, sobretudo, entre as décadas de 1960 e 1980. A França foi, nitidamente, um dos grandes centros de produção e divulgação de pesquisas sobre o tema. Todavia, outros países da Europa e ainda os Estados Unidos da América também desenvolveram, simultaneamente, estudos correlatos. De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2020), cada teórico, isolado em sua terra, criou conceitos e terminologias distintas que, no fim, desaguaram na mesma área. É por isso que até hoje a Análise de Discurso é tão multifacetada e dispensa um marco fundador.

Se em seu solo de origem a Análise de Discurso já é bastante plural e controversa, nos processos de tradução para a língua portuguesa, os conceitos se tornaram ainda mais complexos. Cada autor que formulou pesquisas sobre o assunto adotou nomenclatura própria e procedimentos analíticos distintos. Entretanto, ao verter-se esses termos do francês ou do inglês para o idioma do Brasil, termos e teóricos foram frequentemente confundidos e mesclados.

O linguista neerlandês Teun van Dijk, por exemplo, concebeu a Análise Crítica de Discurso (ACD), que detém olhares cognitivistas e sociocognitivistas. Para ele, é preciso conhecer a interface cognitiva do produtor de uma mensagem antes de relacionar o texto a um contexto. De acordo com o autor, cada indivíduo possui uma visão própria de um mesmo fato. Isso justificaria a produção de discursos diferentes em situações sociais idênticas (Van Dijk, 2008). Já o linguista britânico Norman Fairclough ajudou a dar vida à Análise de Discurso Crítica (ADC), que está amparada na linguística sistêmico-funcional, conforme será detalhado mais adiante. Contudo, segundo Jovânia Santos (2020, p. 58): “É possível encontramos trabalhos que não seguem essa correlação. Vemos, por exemplo, artigos usando a abreviação ACD, mas citando como fundamentação teórica as pesquisas de Fairclough”. Além de os nomes das duas correntes serem muito parecidos, ambas as vertentes adotam a perspectiva multidisciplinar, têm interesse em grupos minoritários e se voltam a questões sociais — mas não são a mesma coisa. Cada escola tem um jeito próprio de entender, por exemplo, como o contexto influencia a produção e a análise de um discurso.

Conforme pôde ser visto até aqui, a Análise de Discurso é uma área vasta e seria impossível realizar um trabalho que contemplasse todos os ramos que compõem essa

disciplina. Inviável também seria recorrer a todos os procedimentos analíticos e a todas as obras sobre o assunto — devido ao recorte epistemológico escolhido. Por isso, no presente artigo, adota-se como caminho metodológico apenas a Análise de Discurso Crítica, defendida pelo britânico Norman Fairclough. Acredita-se que ela será útil para interpretar o texto barretiano porque analisa o funcionamento da linguagem, a influência do contexto social e as relações de poder contra as minorias.

Segundo as pesquisadoras de linguística Viviane de Melo Resende e Viviane Ramalho (2019), o termo “Análise de Discurso Crítica” foi cunhado por Norman Fairclough em 1985. Tal expressão aparece pela primeira vez em um artigo do *Journal of Pragmatics*. A ADC, contudo, só vai se consolidar como disciplina em um simpósio realizado em Amsterdã no início da década de 1990.

É válido lembrar que, embora seja considerado o grande expoente da ADC, Fairclough não é o único nome da área. É comum, todavia, referir-se à proposta teórico-metodológica criada por ele — a Teoria Social do Discurso — como ADC. De acordo com Resende e Ramalho (2019), não há problema em chamar a Teoria Social do Discurso de ADC⁴, mas é preciso ter consciência de que os estudos da Análise de Discurso Crítica não se reduzem às pesquisas de Fairclough.

Utiliza-se, na Teoria Social do Discurso, um modelo que considera três dimensões no momento da análise: a prática social, o texto e a prática discursiva (Fairclough, 2001). Texto e prática discursiva correspondem, respectivamente, à materialização do discurso em si e aos seus modos de distribuição. Já a prática social focaliza o ambiente e as circunstâncias nos quais a atividade discursiva foi gerada. Cada uma dessas dimensões do modelo tridimensional de Fairclough se subdivide em categorias.

A dimensão do texto compreende, assim, o vocabulário, que investiga como palavras individuais e neologismos foram usados; a gramática, isto é, o estudo da combinação de termos numa frase; a coesão, que verifica os mecanismos de referência; e a estrutura textual, um olhar para a organização das informações, a ordem das ideias e a aproximação dos elementos.

Na prática discursiva, investigam-se os modos de produção, consumo e distribuição do texto. Para isso, são analisadas a força, a coerência e a intertextualidade. A força está relacionada aos atos de fala, à situação pragmática e ao “peso” dos verbos

⁴ Neste artigo, segue-se a convenção adotada pelas autoras Resende e Ramalho (2019): a Teoria Social do Discurso é chamada de ADC e de modelo tridimensional em muitos momentos.

escolhidos. Na categoria da coerência, observam-se as conexões e insinuações estabelecidas para relacionar uma descrição a um fato ideológico. Para fechar a dimensão da prática discursiva, tem-se a intertextualidade. Esta busca perscrutar no texto diálogos com outras obras que abordaram o assunto de forma semelhante.

A terceira dimensão, a prática social, por fim, engloba as seguintes categorias: ideologia e hegemonia. Faz parte da primeira categoria identificar as marcas ideológicas impressas no texto. Para isso, analisam-se o estilo do autor e os significados das metáforas e das palavras utilizadas. À categoria hegemonia cabe verificar as visões políticas, econômicas e culturais que permearam a produção da obra. Apesar de todas essas divisões em tópicos diversos e categorias distintas, não é preciso separá-las em blocos autônomos no momento da análise — tudo pode ser examinado de forma pulverizada e simultânea (Resende; Ramalho, 2019).

Na obra *Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa*, Izabel Magalhães, André Ricardo Martins e Viviane de Melo Resende (2017) apresentam, além das dimensões e categorias analíticas, um percurso metodológico para consumir a análise. Segundo os autores, é preciso, inicialmente, selecionar a situação ou o problema que se pretende abordar. Em seguida, deve-se definir o texto que servirá de *corpus* para a investigação. Na sequência, destacam-se os aspectos gramaticais e discursivos mais relevantes. Por fim, deve-se examinar os textos e relacioná-los ao contexto social e discursivo com o apoio da pesquisa etnográfica. Assim, realizando todo esse itinerário analítico, o campo das Letras e outras áreas correlatas poderão ajudar a sociedade a evoluir, pois, como escreveu Fairclough (2003, p. 8), “os textos podem também iniciar guerras ou contribuir para transformações na educação”.

RETIRANDO AS SOMBRAS D’O CEMITÉRIO: O CONTO DE LIMA BARRETO ILUMINADO PELA ADC

O Cemitério é, aparentemente, uma simples e sutil história de terror: um homem vai a um enterro e se descobre atraído pelo retrato de uma jovem morta. Ao submeter essa curta trama ao modelo tridimensional de Fairclough, contudo, o conto revela numerosos sentidos que geralmente são ignorados numa leitura superficial. Doravante, tais significados serão expostos e analisados.

Logo no primeiro período do parágrafo inicial do texto, lê-se a seguinte declaração: “Pelas ruas de túmulos, fomos calados” (Barreto, 2010, p. 241). A oração tanto serve para descrever a cena de pessoas caminhando silenciosamente entre as tumbas (por ato de contrição e respeito ao falecido) quanto pode significar que os personagens foram emudecidos por alguém (no caso, as ruas, que representam o poder dos governantes). A presença do verbo na voz passiva confere ambiguidade ao enunciado — e isso tem, intencionalmente, um motivo.

Sabe-se que a ficção barretiana é profundamente engajada e que o autor criticou o processo de urbanização do Rio de Janeiro. Essa questão é tão pungente que Lilia Moritz Schwarcz (2017b) chegou a escrever um artigo apenas para analisar a relação de Lima Barreto com a geografia carioca. Segundo ela, em toda a produção do autor, as ruas da cidade ganham enorme protagonismo. Sem levar em conta as vielas de um grande cemitério, a pesquisadora defende, por exemplo, que “para Lima, os subúrbios eram uma estratégia discursiva” (Schwarcz, 2017b, p. 126).

O autor Cristiano Mello de Oliveira (2011) realizou considerações similares. De acordo com o pesquisador, o conhecimento de Lima Barreto a respeito da cartografia do Rio de Janeiro é tão grande que ele se utiliza de termos bastante técnicos e específicos para caracterizar a topografia dos subúrbios, em especial no romance *Clara dos Anjos*. Parte da narrativa de Clara é perpassada pelos bairros circunvizinhos à Central do Brasil — ocupando algumas descrições detalhadas: ruas, vielas, logradouros, largos, estações de trem, becos, praças. Em outras palavras, o espaço romanesco na obra de Lima Barreto exerce papel preponderante e dinamiza a ação de alguns personagens principais e secundários, conforme defende o crítico literário Osman Lins (1978). Diante de tudo isso, é possível afirmar que o período inicial do conto remete não só as fileiras de túmulos, mas também às ruas da cidade, que agem para exilar pobres e negros, retirando-lhes a voz e a participação na nova metrópole que se formava.

No modelo tridimensional de Fairclough, existe uma categoria da dimensão textual destinada a investigar como se constrói a função metaideacional numa obra. Entre os elementos que a compõe, Fairclough (2001) destaca o tema e a transitividade, conceitos extraídos da linguística crítica e funcional de Halliday. Nesse sentido, deve-se observar como as frases do texto foram estruturadas. Ao refletir sobre o assunto, a autora Alessandra Fernandes (2014, p. 104) enumera questões que podem ser feitas durante a análise desse tópico:

Ao investigarmos um texto em termos de organização temática, podemos nos perguntar: será que as orações começam da forma usual, com a indicação dos participantes responsáveis pelos processos, como ocorre na voz ativa? Será que as orações iniciam de forma não usual, como no caso da voz passiva? Quais efeitos de sentido essas inversões na ordem usual de uma oração podem gerar? (Fernandes, 2014, 104)

Pautando-se nas provocações acima, identifica-se, mais uma vez, a ênfase que o conto de Lima Barreto dá às ruas. A ordem normativa da frase em língua portuguesa é o sujeito seguido do verbo e depois dos seus complementos. No início de *O Cemitério*, todavia, houve uma inversão dessa sequência. De forma consciente ou inconsciente, ao trazer “pelas ruas” para encabeçar o período, o autor revela o intuito de destacar o local ou o agente da ação.

Ainda no primeiro parágrafo do conto, Lima Barreto cria relações entre os jazigos e os seres humanos. Ele afirma, por exemplo, que havia uma “multidão de sepulturas” (Barreto, 2010, p. 241). Embora o termo “multidão” apareça, hodiernamente, sendo usado em outros textos para se referir a objetos e animais, a palavra vem do latim e significa, originalmente, apenas “aglomeração de pessoas”, conforme constataram os filólogos e lexicógrafos Silveira Bueno (2018) e Antenor Nascentes (2018). Desse modo, verifica-se que o autor usou, de propósito, um substantivo geralmente atrelado a figuras humanas para criar um vínculo entre homens e sepulcros.

Fairclough (2001) chama bastante a atenção para o exame da categoria “significado das palavras”, parte da dimensão textual. De acordo com o autor britânico, baseado nos estudos de Raymond Williams, o produtor de um discurso precisa escolher e associar palavras para transmitir um significado. Ainda segundo o pesquisador, essas escolhas não são meramente individuais — elas são fruto de um contexto social e revelam uma intenção.

A ligação entre túmulos e seres humanos é ainda mais realçada no terceiro período do primeiro parágrafo do conto. Nesse trecho, Lima Barreto dá, nitidamente, características humanas aos jazigos. O narrador da história afirma que as lápides trepam, tocam, lutam, olham e roçam. Mais adiante, ele ainda observa que alguns sepulcros são arrogantes enquanto outros são vaidosos. Verifica-se, portanto, que o escritor faz largo uso da prosopopeia, a figura de linguagem que serve para humanizar elementos inanimados.

Na obra *Figuras de Retórica*, o doutor em linguística José Luiz Fiorin (2020, p. 51) declara que a prosopopeia serve para “intensificar o sentido” de uma afirmação. Segundo o autor, é mais forte dizer que algo inanimado ou qualidade abstrata age como humano do que afirmar que um homem executou aquela ação. Como é incomum objetos terem atitudes sociais, isso instiga muito mais o leitor e captura a atenção dele. Para a ADC, as figuras de linguagem, em especial a metáfora, são pontos importantes da análise de um texto, pois revelam ou encobrem aquilo que se deseja representar (Fairclough, 2001).

O segundo parágrafo do conto *O Cemitério* se detém na decoração do local. De acordo com o narrador, havia um amontoado de estátuas, vasos, cruzeiros, plantas e inscrições fúnebres. Todos os adjetivos dados pelo personagem aos elementos que deveriam adornar a necrópole são ruins. Ele, inclusive, arremata dizendo que tudo era “de um mau gosto que irritava” (Barreto, 2010, p. 241). Ao usar o verbo “amontoar” para se referir à maneira como as esculturas estavam dispostas, Lima Barreto lança uma crítica à falta de organização do cemitério. De acordo com o lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2010, p. 41-42), “amontoar” significa “ajuntar ou empilhar sem ordem”. Nota-se, nesse caso, outro ponto pertinente à Teoria Social do Discurso: o “peso” dos verbos. O autor teria uma gama de palavras mais suaves à sua disposição, mas optou por esse termo para ressaltar a feiura do campo fúnebre.

A ADC vê uma pertinente dimensão de análise na prática discursiva. Nela, dentre outras questões, duas perguntas devem ser feitas: por que o autor escreveu esse texto? E em que circunstâncias ocorreu essa escrita? (Fairclough, 1994). Ao pensar nisso e ao mergulhar no passado, verifica-se que, novamente, tem-se no texto barretiano uma crítica ao processo de urbanização.

A autora Jamille Coelho Barbosa (2015), mestra em urbanismo, concebeu uma pesquisa na qual ela analisa a estética e as condições dos cemitérios do Rio de Janeiro ao longo do tempo. Quando se detém na Primeira República, o período em que Lima Barreto viveu e escreveu ativamente, a autora constata que as necrópoles, assim como os hospícios, careciam de cuidados, pois foram excluídos do projeto de transformação da Cidade Maravilhosa. A morte, segundo ela, era um assunto que ninguém queria tocar nessa época. Não é à toa que Lima Barreto, sempre crítico e mordaz, associa esses dois lugares malditos — o hospício e a necrópole — no título do incompleto *Cemitério dos Vivos*.

O conto *O Cemitério* apresenta o enterro de um contínuo⁵ da Secretaria dos Cultos. Essa instituição é fictícia e aparece também em outras obras de Lima Barreto, especialmente em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Sem funções muito bem delineadas, a Secretaria dos Cultos se encarrega basicamente de fiscalizar se a reverência que deve ser dada aos líderes religiosos está sendo respeitada. Em suma, ela representa o excesso de bajulação e burocracia, que não leva a lugar algum.

No conto, durante o enterro do contínuo, observa-se uma abordagem irônica. Embora trabalhasse no órgão que deveria zelar pela reverência ao sagrado e aos representantes divinos, o homem tem seu corpo depositado em um lugar desordenado e esquecido. O local, ironicamente, teria de ser bem cuidado, pois os cemitérios têm uma função importante para a crença da maioria das religiões. Assim, tem-se novamente um diálogo da trama com a ADC, pois a ironia faz parte da categoria da “intertextualidade manifesta”, que está no bojo da dimensão chamada de prática discursiva (Fairclough, 1994).

De acordo com Resende e Ramalho (2019, p. 65), a “intertextualidade é uma categoria de análise muito complexa e potencialmente fértil”. Embora, conceitualmente, tenha raízes implícitas no trabalho de Bakhtin, o termo “intertextualidade” nasce com a filósofa e crítica literária búlgaro-francesa Julia Kristeva. Concebida na década de 1960, essa palavra foi retomada por Fairclough e acoplada ao seu modelo tridimensional de análise. A intertextualidade, dentro da ADC, desdobra-se em várias ramificações, mas, resumidamente, pode-se dizer que ela corresponde ao diálogo estabelecido entre os diversos textos.

Conforme foi visto anteriormente, *O Cemitério* evoca uma instituição fictícia presente em outras obras de Lima Barreto — a Secretaria dos Cultos. Esse é um caso de intertextualidade. Mas há outros. Quando o narrador da história se põe a refletir sobre a vida da jovem morta que o atraiu, ele se pergunta: “Que resultados teve a sua beleza na terra? Que coisas eternas criaram os homens que ela inspirou? [...] foi breve, instantâneo e fugaz” (Barreto, 2010, p. 243). Logo adiante, o protagonista declara que estava meditando “como um cientista profeta hebraico” (Barreto, 2010, p. 243). Tais afirmações se configuram como mais um exemplo de intertextualidade.

⁵ Contínuo era um profissional encarregado de levar material de escritório, como tintas e papéis, para as várias salas de um departamento. No livro *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, o protagonista também exerce inicialmente essa função no fictício jornal *O Globo*.

Nesse trecho, porém, a intertextualidade é classificada como constitutiva (ou interdiscursiva), pois não há referências específicas ao discurso anterior (Fairclough, 1994). A observação do estilo das frases e a menção ao profeta hebraico leva, contudo, o leitor a reconhecer no texto uma relação com o *Eclesiastes*⁶, livro sagrado para judeus e cristãos e parte do cânone bíblico. Na Edição Pastoral da Bíblia Sagrada (1990), os organizadores da publicação escreveram uma introdução ao *Eclesiastes* que explica o desejo do autor⁷ em desmontar uma sociedade cheia de ilusões, explorações e estruturas sociais injustas. Curiosamente, esse também é o mote da obra de Lima Barreto. Além disso, o *Eclesiastes* afirma que o *Sheol* (a sepultura comum da humanidade) equaliza todos os seres humanos. Em *O Cemitério*, o autor também traz essa reflexão, mas enfatiza como os túmulos continuam sendo a maneira que alguns homens têm para perpetuar o seu poder e se sobrepor aos demais.

A HORA DO ÚLTIMO ADEUS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Situado historicamente no período pré-modernista, Lima Barreto concebeu uma obra que dialoga profundamente com a realidade da época. Nas páginas dos seus escritos ficcionais, descortinam-se figuras que fizeram parte do início da República no Brasil. Pobres, coronéis, deputados, moradores de subúrbios, comerciantes, jornalistas — diversas classes sociais transitam no universo criado pelo autor. Os ambientes típicos do Rio de Janeiro no começo do século XX também aparecem descritos em suas histórias, que mesclam sempre ironia, humor, denúncia e grandes doses de realidade.

No conto *O Cemitério*, o escritor carioca conduz o leitor por uma trama curta e aparentemente sombria. Todavia, o objetivo do autor não é apenas incutir medo em seus leitores. Novamente, ele utiliza sua escrita para criticar o projeto de urbanização que se instalou no Rio de Janeiro sob influência das metrópoles europeias, como Paris. Tal

⁶ Lima Barreto já fez referências à *Bíblia* em outras obras suas. De acordo com Maria Zilda Kury (2009), no *Dicionário de Personagens Afro-Brasileiros*, o nome do protagonista de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* foi inspirado no profeta bíblico homônimo, pois o personagem do Velho Testamento, assim como o escrivão, tinha a função de cobrar os líderes políticos e divulgar a voz de uma comunidade oprimida e marginalizada.

⁷ A autoria do *Eclesiastes* normalmente é atribuída ao rei Salomão, o mesmo autor dos *Provérbios*.

constatação não é evidente numa leitura corriqueira, mas é perceptível quando se aprecia o texto à luz da Análise de Discurso Crítica.

Esse método de pesquisa qualitativa, empregado pelo linguista britânico Norman Fairclough, é bastante útil para escavar o texto barretiano e promover olhares originais para a sua obra. Por meio da Teoria Social do Discurso, foi possível ampliar a interpretação de um conto minúsculo e sem grandes reviravoltas em seu enredo. Assim, conjugando vários campos do conhecimento e submetendo a história às três dimensões do modelo tridimensional de análise, foi possível identificar as ruas da cidade como símbolos do poder que oprime.

Além disso, é notório a crítica à desorganização do campo fúnebre e à hipocrisia dos homens que trabalham na manutenção dos espaços sagrados. Lido sob a perspectiva da ADC, *O Cemitério* revela ainda diálogos intertextuais que enriquecem o seu significado sobre a função social das necrópoles: há menções à obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (escrita pelo próprio Lima Barreto) e ao *Eclesiastes*, livro judaico-cristão cujo autor reflete sobre a morte.

Apesar de existirem numerosas correntes teóricas e metodológicas que fornecem elementos contundentes e interdisciplinares para a pesquisa em literatura brasileira, o modelo apresentado por Norman Fairclough se revelou um caminho bastante assertivo para investigar uma produção barretiana pouco conhecida. Talvez, no futuro, toda a obra de Lima Barreto seja revisitada pelo prisma da ADC. Que este artigo instigue novas buscas para que o ambíguo e prolífico escritor carioca siga sendo discutido, estudado e lembrado. Afinal, embora o seu túmulo se encontre esquecido — tal qual os dos personagens da história —, o tempo tem mostrado que Lima Barreto é dono de um indelével epitáfio: imortal.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. Introdução. In: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Sol Editora, 2004.

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. Solfieri. In: *Noite na Taverna*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 421p. (Coleção Ensino Superior).

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

BARBOSA, Jamille Coelho. *Nécropole X MetrÓpole: os cemitérios no ordenamento urbano do Rio de Janeiro*. 2015. 170p. (Dissertação de mestrado – Curso de Pós-graduação em Urbanismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/833032.pdf>. Acesso em 28 de julho de 2023.

BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1990.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Pref. de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BARRETO, Lima. O Cemitério. In: *Contos macabros: 13 histórias sinistras da literatura brasileira*. Organização de Lainister de Oliveira Esteves. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2010.

BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*. prefácio Alfredo Bosi; organização e notas Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BHABBA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myrian Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BÍBLIA SAGRADA: Edição Pastoral. Tradução, introdução e notas de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

BOTELHO, Denilson. Sobre os Meios e Modos de Fazer Jornalismo na Primeira República: Lima Barreto Entre a História e a Ficção. *Revista Antíteses*, n. 11, v.6 p. 32-52, jan-jun de 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/15590/12799>. Acesso em 28 de julho de 2023.

BOURDIEU, Pierre. *Meditations pascaliennes*. Paris: Seuil, 1997.

BUENO, Francisco Silveira. *Minidicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: DCL, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

- ESTEVES, Lainister de Oliveira (org.). Uma literatura envolta em sombras. *In: Contos macabros: 13 histórias sinistras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2010.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1994.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães (coord.). Brasília: Editora da UNB, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres/Nova York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções*. Tradução Iran Ferreira Melo. *Letra Magna*, v. 5, n. 11, p. 1-18, 2. sem. 2009.
- FERNANDES, Alessandra Coutinho. *Análise de discurso crítica: para leitores de textos da contemporaneidade*. Curitiba: InterSaber, 2014.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*; coordenação Marina Baird Ferreira. 8ª ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2010.
- FIORIN, José Luiz. *Figuras de Retórica*. 1ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- GRAMSCI, Antonio. *Os líderes e as massas: escritos de 1921 a 1926*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Rita Coitinho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.
- HABERMAS, Jürgen. *Técnica e Ciência como "Ideologia"*. Trad. Artur. Morão. Lisboa: Edições 70, 1987.
- HALLIDAY, Michael. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.
- KURY, Maria Zilda. Isaiás Caminha. *In: Dicionário dos Personagens Afro-brasileiros*. (Org. Lícia Soares de Souza). Salvador: Quarteto, 2009.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1978.
- MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MELTON, John Gordon. *O livro dos vampiros: a enciclopédia dos mortos-vivos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2003.

MOISÉS, Massauad. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. rev. ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de sinônimos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2018.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de. O espaço geográfico suburbano na obra Clara dos Anjos. *Conhecimento Prático Geografia*, v. 39, p. 50-59, 2011.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise do Discurso Crítica*. 2ª ed; 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

SANTANA, Suely Santos. *Uma Voz Destoante na Rua do Ouvidor: Lima Barreto e a Representação das Relações Raciais no Início do Século XX*. 2005. 122p. (Dissertação – Mestrado em Letras/Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11415/1/Suely%20Santos%20Santana.pdf>.
Acesso em 28 de julho de 2023.

SANTOS, Joviana Maria Perin. *Análise do discurso*. Curitiba: InterSaberes, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução – Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República. In: *Contos de Lima Barreto*. Organização e introdução de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: Triste Visionário*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Da minha janela vejo o mundo passar: Lima Barreto, o centro e os subúrbios*. Revista Urbanismo, Sociedade e Cultura, n. 31, p.124-142, set-dez, 2017b. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/8RjyzQjS7RVHFMDhxRQj8nG/?lang=pt>. Acesso em 28 de julho de 2023.

VAN DIJK, Teun. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

Recebido em: 21/09/2024

Aceito em: 14/05/2025

Cristiano Mello de Oliveira: é pós-doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ. Doutor e mestre em Literatura pela UFSC (2010-2016). Doutorado realizado com apoio de bolsa da Capes (2015). Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional UTFPR (2010). Graduação em Letras (Português e Inglês). Atua como professor no ensino superior desde 2016, com experiência em cursos de graduação (presenciais e EAD). É professor universitário na área de Humanas do Centro Universitário Unifael.

Rair Rosa de Oliveira: bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em Mídias, licenciado em Letras (Português e Inglês) e graduando em Publicidade e Propaganda. É especialista em Língua Portuguesa, Redação e Oratória, em Revisão de Textos e em Escrita Criativa.